



Memória

A voz e vez da redação: relatos acerca da trajetória de formação do telejornalista brasileiro - Parte 1 - Fernando Barbosa Lima

Valquíria Aparecida Passos Kneipp¹

RESUMO: O jornalista Fernando Barbosa Lima, filho do criador da Associação Brasileira de Imprensa Fernando Barbosa Sobrinho, foi entrevistado, na sua residência, na cidade do Rio de Janeiro no dia 20 de novembro de 2006. Ele é criador do *Jornal de Vanguarda* - um dos mais importantes telejornais da televisão brasileira, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: *Fernando Barbosa Lima. Jornal de Vanguarda. Telejornalismo. Televisão.*

ABSTRACT: The journalist Fernando Barbosa Lima, son of the creator of the Brazilian Press Association Fernando Barbosa Sobrinho, was interviewed, in your residence, in the city of Rio de Janeiro on day 20 November 2006. He is creator of the *Jornal de Vanguarda* - one of the most important TV news broadcasts, among others.

KEYWORDS: *Fernando Barbosa Lima. Jornal de Vanguarda. TV journalism. Television.*

¹ Doutora em Ciências de Comunicação pela ECA-USP e docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: valquiriakneipp@yahoo.com.br

Introdução

Durante a pesquisa de doutorado realizada de 2005 a 2008, na Escola de Comunicações e Artes da USP, sobre a “trajetória de formação do telejornalista brasileiro” foram entrevistados 37 jornalistas que trabalharam ou trabalham em telejornalismo, divididos em cinco décadas (1950, 1960, 1970, 1980 e 1990). Destes personagens que contaram como se deu a formação do telejornalista no Brasil, até o momento, cinco faleceram. Para relembrar as contribuições destes jornalistas, as entrevistas realizadas com os mesmos durante a pesquisa serão publicadas em uma série de cinco edições da Revista Alterjor. Nesta edição começamos com Fernando Barbosa Lima, que faleceu em 05 de setembro de 2008, no Rio de Janeiro. Nas próximas edições Luiz Fernando Mercadante (faleceu em 31 de julho de 2012), Eduardo Coutinho (faleceu em 02 de fevereiro de 2014), Paulo Roberto Leandro (faleceu em 24 de janeiro de 2015) e Carlos Alberto Ballut Vizeu (faleceu em 05 de outubro de 2016).

O jornalista Fernando Barbosa Lima, filho do criador da Associação Brasileira de Imprensa Fernando Barbosa Sobrinho, foi entrevistado, na sua residência, na cidade do Rio de Janeiro no dia 20 de novembro de 2006. Criador do Jornal de Vanguarda - um dos mais importantes telejornais da televisão brasileira, entre outros.

VPK: E qual que é a sua formação. Você chegou a cursar alguma universidade?

FBL: Não. Eu comecei a trabalhar primeiro como desenhista porque eu tinha feito alguns cursos de arte. Tinha estudado desenho. Comecei a trabalhar como desenhista de uma agência de publicidade chamada Standard Propaganda. Naquela época era a melhor agência do Brasil, mais criativa era uma agência incrível. Era dirigida pelo Cícero Iacorte. Depois que eu fiz um belo aprendizado em desenho na Standard eu resolvi partir um pouco para a parte escrita, aí fui trabalhar num jornal em São Paulo chamado O Tempo. Esse jornal era dirigido por Emil Saqueta famoso trotskista, inclusive escreveu um livro sobre trotskismo chamado O Tempo. Trabalhei nesse jornal durante um ano mais ou menos. Mais o jornal não foi bem. O Emil Saqueta era na verdade um grande nacionalista. Então ele quase praticamente não aceitava os anúncios internacionais, ele não aceitava nada disso. Acabou falindo. Voltei pro Rio. Na minha volta ao Rio, eu montei uma pequena empresa de publicidade e de produção. Comecei a produzir um programa de televisão, a partir dos serviços aéreos Cruzeiro do Sul. Eu era

muito jovem ainda eu tinha uns 21 anos, 22 anos nessa fase. Na verdade eu sou uma pessoa mais ou menos feita disso. Quer dizer eu tinha terminado o clássico, o colégio. Não quis ser advogado, minha mãe queria que eu fosse advogado. E aí foi que eu fiz um programa de televisão chamado Cruzeiro Musical. Esse programa foi interessante porque eu estava na casa dos meus pais, meu pai é o Barbosa Lima Sobrinho, não sei você conhece foi presidente da Associação Brasileira de Imprensa, um dos órgãos mais importantes nessa área de jornalismo no Brasil e também na área da política porque foi com o doutor Ulisses, os dois foram candidatos, o doutor Ulisses a presidente ele a vice-presidente da república, pregando a democracia e a volta ao Estado de direito no país, foi um grande defensor das liberdades e um grande nacionalista, que dizer ele foi um homem que defendeu muito a Petrobras e todas essas empresas brasileiras. Bom esse programa pra Cruzeiro do Sul eu estava na casa dele em Botafogo, ele tinha uma casa grande em Botafogo. A televisão estava ligada. Ninguém estava vendo televisão naquele tempo, era quase que uma coisa decorativa na casa das pessoas. As pessoas conversando, e eu estava vendo um programa, um programa chamado Cruzeiro Musical, que era na TV Rio patrocinado pela Cruzeiro do Sul, que era uma empresa de aviação enorme, que viajava por todo Brasil e que era uma grande orquestra tocando boleros. Naquele tempo a televisão tinha orquestras contratada, Tom Jobim era maestro, era um dos maestros da TV Rio. Quando olhei aquele programa disse: está errado. Uma companhia de aviação, uma companhia aérea não tem sentido fazer um programa de boleros. Então, eu fiz um projeto, levei esse projeto para o diretor da Cruzeiro do Sul, diretor de comunicação que era o Brigadeiro Franklin Rocha. Disse olha Brigadeiro eu só vou querer cinco minutos do seu tempo, em cinco minutos o senhor lê esse meu plano aqui. Esse meu plano era o seguinte: cada programa mostrava um estado brasileiro. Vamos supor a Bahia, a Bahia então com textos de Jorge Amado, que tinha me cedido os textos dele. A música de Dorival Cayme, não existia Caetano, não existia Gil. Ah lendas da Bahia, eu mesmo desenhava as lendas e tal. A televisão era preto e branco, a televisão era ao vivo, era apresentada pelo César Ladeira, que era um dos maiores locutores do Brasil, que era da rádio Nacional. E eu fiz junto com um amigo meu que era o Carlos Alberto Lofler, que era já era um diretor de TV na TV Rio. Fomos lá à Cruzeiro do Sul com a verba de 20%, e fizemos alguns programas, um sucesso. Um sucesso tão grande que a Cruzeiro do Sul resolveu levar pra São Paulo. Repetimos esse

programa, como a TV era ao vivo, nós tivemos que fazer o programa todo de novo. Fizemos na TV Record em São Paulo. A equipe toda ia de avião, a gente produzia o programa na Record. O programa foi um grande sucesso. Até hoje se fizesse um programa mostrando cada estado brasileiro, o que representa o povo brasileiro, o significado da nossa gente e tudo isso, eu acredito que seria muito importante para a televisão brasileira. Não, o que se faz hoje, um programa copiando o outro. Essas coisas, quer dizer não há uma preocupação de se fazer uma coisa mais séria no Brasil em televisão a verdade é essa. Bom, eu segui e montei a minha produtora, que se tornou uma produtora independente e comecei a fazer programas.

VPK: E que tipo de experiência que era necessária para você que começou como criador de programas?

FBL: Eu já comecei criando, dirigindo programas, não passei por nenhuma escola. Porque como eu conhecia bem, dominava bem o desenho, dominava bem o texto. Você junta bem essas coisas acaba dando em televisão. Foi o que aconteceu comigo. Lembrome quando eu era bastante jovem, estava fazendo o clássico, e minha mãe queria que fosse se advogado, aquela coisa toda. No Brasil todos querem que o filho tenha uma profissão: médico, advogado, engenheiro... E eu não queria. Fiz um acordo com ela. Estava chegando aqui no Brasil o professor Peri Lopes um psicólogo argentino que montou aqui um instituto de investigação profissional, e eu fui lá e fiz todos os testes. Ele me disse o seguinte: “Fernando você da pra ser algumas coisas, não advogado. Você daria pra ser arquiteto, você daria pra ser escritor, você daria pra ser jornalista, você daria pra ser é pintor”. Se você juntar tudo disso que o Peri Lopes me falou vai dar na televisão mesmo, acaba na televisão. A minha experiência o meu começo todo foi esse, eu sempre fui uma pessoa de criação, fui muito criativo, criei mais de cem programas. Quer dizer, eu acredito que eu tenha sido a pessoa no Brasil que tenha criado, no Brasil não no mundo, que tenha criado o maior número possível de programas porque criar cem séries de programas é uma coisa realmente, é uma cobrança também num país de terceiro mundo. No primeiro mundo você cria duas, três séries de programas, por exemplo, nos Estados Unidos e vive o resto da sua vida à custa disso, aqui no Brasil não, você tem que batalhar e criar coisas novas.

VPK: Conta um pouco dos programas que você criou.

FBL: Criamos o Preto no Branco, que foi um programa muito interessante, um programa de entrevistas. O Sargentele falava as perguntas em voz off. O Sargentele nunca criou qualquer tipo de pergunta, as perguntas eram escritas. A gente perguntava, por exemplo, Valquíria faça uma pergunta pro Stanislaw Ponte Preta. Você faria à pergunta a gente escreveria essa pergunta pro Sargentele, que diria assim: Sérgio pergunta da Valquíria jornalista de São Paulo. Aí entrava a sua pergunta. Nós nunca entramos na vida pessoal de ninguém, nós entrávamos sempre na vida, vamos dizer assim no pensamento das pessoas, na vida profissional das pessoas jamais na vida pessoal. O programa foi um sucesso fantástico, ele foi também pra São Paulo, só que em São Paulo foi com outro nome, chamava Pingos nos Is. Foi um programa que também fez um grande sucesso em São Paulo foi campeão de audiência na Record também. Fiz outros programas na TV Rio, junto com o Carlos Alberto Lofler, todos os programas jornalísticos a minha vida sempre dedicada a programas jornalísticos. Quando eu fui convidado pelo Edson Leite que tinha assumido a direção da TV Excelsior no Brasil (A Excelsior é hoje o que a Globo, quer dizer era uma televisão poderosíssima), estava exatamente se formatando naquela época, e eu fui convidado pra ser o diretor de jornalismo da rede. Eu fui lá e queria fazer um jornal, fiz vários jornais na Excelsior, fiz o Jornal da Cidade que era um jornal que entrava às oito horas da noite, e fiz o Jornal de Vanguarda que era um jornal que entrava às dez e meia da noite. Eu achava o seguinte - que todos os jornais da televisão brasileira – telejornal, que até então não tinha feito jornal, fazia programas jornalísticos não telejornal, eu achava que um telejornal tinha que ser diferente. Não poderia ser um telejornal como era feito naquela época, que era um locutor uma câmera na frente, dentro de um pequeno estúdio, o nome do patrocinador na frente, era na verdade um estúdio de rádio com uma câmera lá dentro. Não tinha nada de televisão aquilo. E eu resolvi levar pra esse programa, no estúdio ao vivo na Excelsior mais ou menos oito a nove apresentadores, chegava a dez apresentadores às vezes. Pessoas fantásticas eu levei pra lá, o Vilas Boas Correa um dos maiores jornalistas político do país, que era jornalista do Estado de São Paulo inclusive, o Nilton Carlos o maior comentarista internacional, de política internacional que tinha na época, o Millôr Fernandes que era uma pessoa de extrema inteligência, o Sérgio Porto o Stanislaw Ponte Preta, que sempre fazia coisas incríveis dentro do jornal. E assim montei um monte de coisa e aí também a parte gráfica, eu também queria que o

jornal também fosse um show. Então, eu levei o Borjalo para fazer os bonequinhos. Levei o Api que por trás de uma tela translúcida fazia o desenho da caricatura de político ou do personagem que a gente estava falando. E assim imagine que loucura que era isso, fazer um jornal com mais de dez pessoas dentro do estúdio.

VPK: E como que era a rotina diária desse jornal com esse tanto de apresentadores e ainda tinha mais outras pessoas na produção?

FBL: Tinha locutores que eu usava locutores também. Tinha o Luís Jatobá que era uma voz absolutamente incrível, tinha o Fernando Garcia também. Peguei grandes locutores naquela época. A vida do Cid Moreira em televisão começou aí, mas como locutor, ele apenas fazia assim “o resumo do dia agora com Cid Moreira”. Aí o Cid Moreira dava um resumo com os principais fatos do que tinha acontecido no dia. Quando a gente entrava o Nilton Carlos dizia, “você esta de olho no mundo”. Entrava o texto do Nilton Carlos apresentado pelo Fernando Garcia porque o Nilton Carlos não era bom de televisão, então a gente usava o texto dele e o Fernando Garcia apresentando decorava o texto. Tinha o minuto de mulher que era a Gilda Bilha que apresentava, que era uma grande jornalista na área feminina, fazendo um minuto de mulher. Era um show de notícias muito bem feito. Ele foi premiado primeiro na Espanha, concorreu na Eurovisão com os grandes telejornais do mundo inteiro, sendo que ficou finalista com o jornal da BBC e ganhou. Foi o que o pessoal da Eurovisão falava, “o Jornal de Vanguarda ele não tem os recursos que os jornais europeus tem na época, nem os americanos, mais ele tem um vantagem ele é muito mais criativo do que os outros”. E ganhamos o prêmio de melhor.

VPK: E quanto tempo ao todo assim ele ficou no ar?

FBL: O Jornal de Vanguarda entrou na Excelsior, com a ditadura nós começamos a ter problemas, nós saímos da Excelsior. Fomos da Excelsior para a TV Tupi ficamos um ano na TV Tupi. Da Tupi fomos para a TV Globo, o Walter Clark pediu para levar o jornal para TV Globo. Da TV Globo nós saímos passamos rapidamente pela TV Continental. Depois voltamos para TV Excelsior e aí fomos para a TV Rio e acabamos na TV Rio. Acabamos exatamente quando veio o AI5. Quer dizer ele começou em 63 e foi até o AI5 em 68. Ele ficou cinco anos no ar. Eu não acredito que nenhum programa no Brasil tenha recebido tantos prêmios quanto o Jornal de Vanguarda.

VPK: Teve depois um Jornal de Vanguarda na TV Bandeirantes?

FBL: Foi, fui eu que fiz. Eu fui superintendente de jornalismo na Rede Bandeirantes e cometi o erro e confesso isso publicamente. Quer dizer, admito isso publicamente e tanto que estou falando e admitindo esse erro de usar o nome do Jornal Vanguarda nesse jornal que eu fiz na Bandeirantes. Era muito bom o jornal era com o Miguel Paiva e com vários apresentadores, era um jornal muito bom. Mas eu poderia ter posto outro nome não o Jornal de Vanguarda, mais eu peguei o nome de um ícone da televisão brasileira e botei num outro programa que não era exatamente a mesma coisa. Uma vez conversando com o Ziraldo sobre isso. O Ziraldo não faça o Pasquim de novo, eu já cometi esse erro no Jornal de Vanguarda, você vai fazer de novo o Pasquim, o Pasquim teve o seu momento, teve a sua vida, teve a sua existência vitoriosa. Agora não faça outro Pasquim porque não vai ser a mesma coisa, a vida é outra, o momento é outro, o país é outro. Quer dizer não repita isso. Bom, eu dirigi o jornalismo de várias emissoras. Fui superintendente da Bandeirantes. Na Bandeirantes eu fiz vários programas de jornalismo. Fiz o Cara a Cara quando eu lancei a Marília Gabriela fazendo aquela entrevista vista a vista que ela faz até hoje. Chamava, na época que começou, como Cara a Cara. Foi um programa também que teve grande sucesso. Fiz também um programa de manhã cedo com o Ney Gonçalves Lima em São Paulo. Fizemos um programa de manhã que ele lia todos os jornais da manhã e discutia com um grupo de pessoas as notícias que estavam acontecendo. Você tomava café ouvindo um debate sobre o que estava acontecendo, isso às 7 horas da manhã. Fizemos lá o uma série de programas. Fiz o Canal Livre com o Roberto D'Ávila. Quando veio o AI5, eu e a equipe toda do Jornal de Vanguarda resolvemos tirar o Jornal da Vanguarda do ar porque nós achávamos que a censura seria cada dia mais atrevida, seria mais violenta e um jornal um programa que tinha ganhado tantos prêmios, tinha sido tão considerado pelo público, as pessoas que viam, tinha uma credibilidade tão alta que nós íamos a cada dia destruindo um pouco a credibilidade do Jornal de Vanguarda. O Jornal de Vanguarda ia ser destruído aos poucos com a censura. Então a equipe toda reuniu e resolvemos tirar o Jornal de Vanguarda do ar. Estava até patrocinado era até o Banespa que patrocinava na época. Mas nós resolvemos tirar o Jornal de Vanguarda do ar e até hoje uma frase foi uma frase assim de efeito, aquela coisa assim que dizia: **“o cavalo de**

raça a gente mata com um tiro na cabeça” e tiramos do ar o Jornal de Vanguarda. E eu parei de fazer televisão, voltei para fui fazer publicidade. Fui muito bem, montei minha empresa Max Qued teve entre as dez de maiores do Brasil. Tive muito bem, mas o meu sonho era sempre voltar para televisão, e quando eu via que havia uma pequena luz no fim desse túnel aí, que a ditadura já estava se falando em anistia essas coisas todas. Eu resolvi fazer um programa chamado Abertura e nesse programa eu fui ao governo, ao ministro Petrônio Portela que era ministro da Justiça e propus a ele fazer um programa aberto, livre. Seria na rede Tupi, na rede nacional e o ministro aceitou: “vamos fazer isso Fernando se você não fizer é porque você não acredita na abertura”. Eu digo então vamos em frente, e convidei uma porção de pessoas, algumas que eu já tinha trabalhado como o Nilton Carlos, o Vilas Boas Correa, o Tarcísio Holanda um grande jornalista político também, o levei o Glauber Rocha pra fala sobre aquelas loucuras do Glauber Rocha, foi a primeira e única vez que ele fez televisão e foi um sucesso foi muito engraçado. O João Saldanha pessoas assim, o Sérgio Cabral pai do nosso atual governador aqui do Rio, uma pessoa também bastante interessante e criei um elenco de pessoas bastante interessantes. Quando o Abertura acabou quando a Tupi começou a entrar em uma situação financeira muito difícil, o INPS aquelas coisas que ela não tinha condição de pagar e tudo isso. Quando a Tupi acabou, nós recebemos um convite da Bandeirantes pra fazer um programa na Bandeirantes. Eu e o Roberto D’Ávila, que fazíamos parte do Abertura fizemos o Canal Livre. O Canal Livre também foi outro programa super premiado, nós fizemos mais de cem programas do Canal Livre. Eu também criei aqui no Rio um programa chamado, que eu fui diretor também da TV Educativa, um programa chamado O Sem Censura, mais o Canal Livre esse que eu fiz com a Silvia era mais significativo, era muito mais importante porque ele era o seguinte: tinha uma mesa de debate como esse tem, mas só que tinha uma câmera na rua, uma televisão na rua com o público assistindo e um repórter fazendo o público participar, o público participava da discussão. Eu acabei depois pondo câmera, começou primeiro ali em São Paulo, no Viaduto do Chá. Depois nós botamos uma câmera em Belo Horizonte, outra no Rio de Janeiro. Então nós começávamos a ouvir a opinião do Brasil inteiro sobre os assuntos que estavam sendo discutidos. Eu achei isso muito importante porque a televisão até então não permitia a participação do povo dentro da televisão, quer dizer tinha o Chacrinha jogando bacalhau, o Silvio Santos dizendo quem

que dinheiro. Essas bobagens, então eu queria fazer uma coisa que o público pudesse dar a sua opinião sobre o que estava acontecendo e esse programa da Silvia foi isso. E foi um grande sucesso na época na Bandeirantes. Foi nessa época que eu fui superintendente, que eu fiz às oito horas por dia de jornalismo na Rede Bandeirantes.

VPK: Você acredita que o telejornalismo brasileiro foi copiado do americano?

FBL: Foi depois, quando acabou o Jornal de Vanguarda, quando veio a Globo. A Globo copiou o telejornalismo americano. O Jornal de Vanguarda não tinha nada do telejornalismo americano. Por isso que ele ganhava do telejornalismo americano. O Mc Luhan quando esteve aqui no Brasil uma época, ele viu o Jornal de Vanguarda ele gravou o Jornal de Vanguarda. Inclusive não existe nenhuma cópia. Mc Luhan gravou uma cópia em VHS e levou para os Estados Unidos e usava aquilo nas aulas dele para mostrar a criatividade na televisão em outros países fugindo das regras dos americanos. Os americanos fizeram uns jornais muito quadrados. Sempre foram assim jornais bem feitos, com grandes recursos, mais jornais muito quadrados. E o nosso não era um jornalismo muito avançado. O Sérgio Porto, por exemplo, era uma pessoa que você dava a notícia e ele comentava essa notícia de uma forma sempre muito engraçada. Ele tinha uma forma extremamente engraçada de comentar as notícias. Uma notícia que nós demos uma vez, o Sérgio Porto Gomes escolhia no Rio de Janeiro as 10 mais certinhas. Ele trabalhava para o Última Hora e escolhia as dez mulheres mais certinhas, as dez mulheres mais bonitas, as grandes vedetes da época, e aí vem um fotógrafo inglês, o famosíssimo fotógrafo inglês veio ao Brasil e saiu à notícia de que esse ano esse fotógrafo escolheria as dez mais certinhas e nós comentamos essa notícia no Jornal de Vanguarda. O Jotemar disse: “Sérgio Porto está saindo essa notícia que o fotógrafo vai falar isso e tal e vai escolher as dez mais certinhas o que você acha disso?” Ele disse, “não acredito por uma razão muito simples, inglês não entende de mulher e a prova disso é que inglês casa sempre com inglesa”. Quer dizer, tinha esse tipo de jogada assim, que era essa coisa repentina direta. Era muito engraçado ele.

VPK: **Você falou que a TV o telejornalismo copiou mesmo o americano. Você acha que essa cópia...**

FBL: A televisão está tudo pasteurizada é tudo igual. Mantém a televisão até hoje não se criou. De uns tempos pra cá se cria muito pouco na televisão, quer dizer esse é meu

grande problema, porque eu sempre fui uma pessoa extremamente, a minha preocupação sempre foi criar projetos novos, ideias novas, caminhos novos, eu fico vendo a televisão, com certa tristeza porque quase tudo que se faz hoje em televisão é a cópia da cópia. Não tem mais nada de novo acontecendo assim na televisão. É claro que o Brasil tem um lado dele muito interessante que são as novelas. O Brasil hoje é um grande produtor é muito bom em matéria de novela, mas o resto aí copia.

VPK: Como foi a sua experiência recentemente na TVE?

FBL: até uns dois anos atrás eu estava dirigindo a TV Educativa. A TV Educativa eu dirigi três vezes. A segunda vez, que foi a melhor fase que, eu criei 40 programas novos. Foi uma fase muito boa, ela foi segundo lugar no Rio de Janeiro em audiência. Tinha um prestígio muito grande. Criamos vários telejornais. Eu na TV pública eu não gosto de telejornal, na TV pública porque a TV pública a tendência dela é sempre estar servindo ao governo por ela ser uma TV pública. Como a TV Cultura serve o governo de São Paulo, a TV Educativa do Rio de Janeiro serve a presidência da república. Então eles não tem a liberdade que eu acho que é necessária para o jornal. O jornal só é bom se ele é realmente livre, quando você transmite essa liberdade o público passa a ter uma confiança em você muito maior do que poderia ser de outra forma. Eu na TV Educativa criei programas interessantes, por exemplo, tinha Cadernos de Cinema que era um programa que você passava um filme de longa metragem, convidava cinco pessoas e depois se discutia o filme. Antigamente se a gente assistia a um filme, depois ia para um botequim discutir, um filme de Felline um filme não sei de quem... Nessa área toda, um programa importante que nós fizemos também foi o Conexão Internacional, um programa que nós fizemos 65 viagens internacionais entrevistando as pessoas mais famosas do mundo. Pouca gente tem a condição de entrevistar essas pessoas todas.

VPK: E você tem um arquivo de tudo isso?

FBL: Não, eu tenho um pequeno arquivo porque, por exemplo, o JV não se gravava nada porque naquele tempo você fazia o jornal, gravava o jornal no ar que era obrigatório mais depois apagava a fita para gravar outra coisa porque as fitas de videoteipe naquele tempo eram muito caras, era fitas duas polegadas, não quatro polegadas quadriplex. E depois vieram as fitas de uma polegada, quer dizer, mais todas são fitas caras. Então as redes de televisão apagavam. Quando eu fiz o Canal Livre, eu

sai da Bandeirantes porque a Bandeirantes já tinha trocado o Canal Livre de horário seis vezes. Ai eu cheguei para o João Saad que era o, nessa época o diretor e disse: seu João eu vou fazer um negócio com o senhor eu vou sair, eu saio da Bandeirantes vou fazer outras coisas, agora eu dou para o senhor o título Canal Livre e todos os programas que eu fiz, com uma condição de não apagar nada, porque isso aí é a história desse país, são pessoas que foram entrevistadas, que a maioria já não existe mais. São documentos fantásticos porque se o Abertura era uma revista dividida em quadros, o Canal Livre não ele era um programa em profundidade, que a gente pegava uma pessoa é o que faz hoje exatamente o Roda Viva, o Roda Viva nasceu do Canal Livre. Inclusive nasceu dirigido até, quem criou o Roda Viva foi o Marcos Weinstock, ele trabalhava com a gente. Como ele era cenógrafo, e, aliás, um excelente cenógrafo, ele fez um cenário que aquela roda e pronto chamou Roda Viva. Mas o Canal Livre era diferente, o Canal Livre eram cinco, seis jornalistas, o Roberto D'Ávila apresentando tendo sempre uma grande personalidade.

VPK: E nesse processo todo você trabalhou lá no início da TV e agora quais são as diferenças, houve uma evolução tecnológica?

12

FBL: Sim, a televisão mudou completamente, a televisão hoje em dia é... A ilha de edição, as ilhas estão computadorizadas hoje, as ilhas avides são maravilhosas, eu trabalho com todas elas. Eu acompanhei toda essa mudança da televisão. Hoje estou produzindo uma série, eu tenho uma produtora a minha produtora de televisão que está produzindo uma série de documentários sobre grandes personalidades. A primeira, eu fiz sobre o meu pai Barbosa Lima Sobrinho. Fiz outra sobre Tancredo Neves, como é que foi o processo de redemocratização do país, inclusive com depoimentos do Sarney do Fernando Henrique. O Tancredo na frente porque o Tancredo foi eleito presidente da república naquela época e morreu logo depois. Estou fazendo agora o Ziraldo, que uma figura. Vou fazer o Sarney porque quero mostrar um pouco a vida literária dele, mostrar o Sarney como um ser humano. Estou fazendo também o Darci Ribeiro, que é uma história também muito legal. Agora isso é importante porque nós estamos fazendo na técnica mais moderna de televisão, usando todos os processos mais modernos da televisão brasileira. Não é pra passar em televisão.

VPK: Então o que mudou no fazer televisão rudimentar lá com filme com improviso e para hoje?

FBL: O que mudou basicamente na televisão eu acho que foi a parte criativa. Naquele tempo você tinha certeza que ia para a televisão, com certeza de que você ia fazer uma coisa nova uma coisa diferente. Hoje não, as pessoas querem fazer sempre à mesma coisa, repetir as mesmas coisas e não tem não tem mais essa preocupação pela criatividade, não tem mais essa preocupação de buscar novos caminhos.

VPK: será que é porque vocês tinham que burlar a ditadura naquele tempo?

FBL: Antes da ditadura você ia pra TV Rio, e a TV Rio foi uma escola fantástica de televisão, onde todo mundo aprendeu a fazer televisão, na verdade no Brasil. A TV Rio foi a maior escola de televisão do Brasil. O Chico Anísio começou a fazer a primeira vez o Chico Anísio Show, a primeira vez que se usou o videoteipe para fazer edição de vídeo - tape foi no Chico Anísio Show. Então na realidade você criava muito, você sempre tinha ideias novas, ideias diferentes. Hoje também você pode fazer isso, eu tenho um monte de projetos novos, mais quer dizer esses projetos novos todos eu vou inclusive guardando. Mais eu sinto na televisão que ela está com os freios puxados, com os felpes baixados. Ela não está caminhando para frente. Ela não está preocupada em buscar um caminho novo.

VPK: O que você imagina que será depois desse período de transição do analógico para o digital?

FBL: eu concordo inteiramente com o Boni, eu estive outro dia numa palestra com o Boni. Eu gosto muito do Boni, o acho uma figura que conhece muito bem televisão porque ele é uma pessoa que estudou profundamente a técnica da televisão, todas essas coisas, é um bom administrador, um homem que sempre soube comandar equipes. O Boni dizendo o seguinte olha: TV digital no Brasil para funcionar do jeito que estão dizendo que vai funcionar daqui a dez anos, só daqui há trinta, não tem a menor condição de funcionar. As pessoas acham que com a TV digital vão ficar vendo uma novela gostou da gravata do artista, ali mesmo de casa ele se comunica com a televisão e compra a gravata. Não tem isso não vai existir nunca, isso aí tudo é conversa. Essa interatividade se pode fazer pelo computador e não pela televisão. Realmente eu acho

que a TV digital no Brasil cometeu um erro fantástico porque ela, eu sou muito preocupado com abertura de mercado de trabalho, porque você vê muito jovem estudando, muita gente se forma gente de talento, com grande qualidade. Eu fico preocupado com isso: que mercado de trabalho esse pessoal vai ter, onde é que eles vão achar, as televisões vão abrir as portas, acho que não. Essas pessoas que estão fazendo televisão são todas pessoas velhas, são todas da minha idade, quer dizer você não vê gente jovem mesmo entrando na televisão. Então eu achava que com a TV digital, se não fosse o sistema japonês como acabou sendo, porque as TVs abertas queriam que fosse o japonesa para não abrir espaço para as outras. Se fosse a TV europeia vamos supor, as teles, por exemplo, que tem muito dinheiro iam entrar na televisão. Então com isso elas iam abrir novos mercados porque com televisão digital europeia você pode ter um monte de canal de televisão e com japonesa não, nós vamos ter os mesmo canais, se não vai aumentar o número de canais.

VPK: Então conta um pouco da sua passagem pela Manchete.

FBL: Eu fiz na Manchete vários programas, o Conexão Internacional, mas era com produtora independente. No Conexão Internacional nós entrevistamos o Felline, entrevistamos Niterand, quem você imaginar de importante no mundo. Nós viajamos, eu o Roberto e o Walter Salles, nós éramos três sócios. Nós viajamos o mundo inteiro entrevistando essas pessoas. Fizemos a última entrevista com o Chacal. Essa é uma história interessante porque, nós estávamos no corredor da Manchete, o Adolfo Bloch falou pra mim: “o Fernando porque que vocês não entrevistam o Chacal?”. Eu digo o seu Adolfo é impossível entrevistar o Chacal, ele está com 98 anos. É um homem mundial importantíssimo. Ele não dá mais entrevista para ninguém. Ele já declarou várias vezes que não vai dar entrevista para ninguém. Ele disse: “vai dar para vocês”. Aí ele pegou o telefone ligou pro Chacal, o Chacal morava em San Paul de Vance uma cidadezinha no sul da França. E falou com o Chacal em russo porque os dois eram da mesma cidade Russa, eles tinham nascido em Kiev, e conversou com o Chacal em russo e o Chacal se emocionou de um lado, seu Adolfo se emocionou do outro, foi uma conversa assim, eu fiquei do lado ouvindo mesmo sem entender nada mais, achando assim uma conversa muito emocionante porque eu sentia o que se passava naquela conversa. E aí nós fomos para San Paul de Vance para entrevistamos o Chacal foi à

última entrevista da vida dele. E foi uma entrevista engraçada porque ele deu entrevista sentado no jardim da casa dele ao lado da mulher, e o Roberto D'Ávila falava alguma coisa de francês porque o Roberto D'Ávila inclusive morou em Paris, estudou em Paris. O Roberto D'Ávila fazia a pergunta em francês para ele e ele olhava para mulher e a mulher repetia a mesma pergunta em francês. Ele só respondia quando a mulher fazia a pergunta para ele né. Mais foi a última entrevista com Chacal.